CADERNOS DE INTERPRETAÇÃO ICONOGRÁFICA

III

QUATRO PAINÉIS DA CONFRARIA DO SALVADOR PROVENIENTES DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO EXPOSTOS NO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA EM LISBOA

**

JOSÉ DOS SANTOS CARVALHO

O RETÁBULO DO SALVADOR

No Museu Nacional de Arte Antiga poderão observar-se quatro painéis — VISITAÇÃO, ADORAÇÃO DOS MAGOS, APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO E JESUS ENTRE OS DOUTORES — que antes de virem para as Janelas Verdes se encontravam na capela de Nossa Senhora dos Prazeres do convento de S. Bento da Saúde onde actualmente está instalado a Assembleia da República. Pela análise de documentos revelados por Sousa Viterbo, Dr. Vitorino de Magalhães Godinho, Dr. Adriano de Gusmão e Prof. Reinaldo dos Santos poderemos aproximadamente reconstituir a «vida» do retábulo de que fizeram parte.

O rei D. Manuel nomeou em 9 de Agosto de 1508 a Jorge Afonso seu pintor incumbindo-o das funções de examinador e veador de todas as obras de pintura que para ele fossem feitas ou que tivesse de pagar.

Dentro do primeiro quartel do século XVI existia no mosteiro de S. Francisco da cidade de Lisboa a capela do Salvador, sede da confraria do mesmo nome que já estava extinta em Setembro de 1519.

No ano de 1519 ou no seguinte o rei D. Manuel, então em Évora, mandou ao amo Bartolomeu de Paiva que escrevesse ao almoxarife das obras da casa da Índia em Lisboa, Afonso Monteiro, ordenando-lhe que obtivesse de Catarina Rodrigues moradora em Lisboa a entrega de «certos cálices e ornamentos» que estavam em seu poder e tinham pertencido à confraria a que soia haver na capela do Salvador» e da qual já não havia nenhum confrade. Com o produto da venda dessas alfaias deveria o almoxarife «correger e repairar» um retábulo do Salvador que o guardião do mosteiro de São Francisco lhe mostraria. Jorge Afonso deveria também examinar o retábulo e ordenar quem «bem o fizesse por pouco dinheiro».

Acabada esta obra de reparação dos madeiramentos do retábulo faltava guarnecê-lo de tábuas pintadas o que certamente foi ordenado pelo rei D. Manuel, o que se deduz de o seu retrato estar na figura de um dos reis no painel da ADORAÇÃO DOS MAGOS, como adiante deduziremos. A Jorge Afonso deve ter cabido a incumbência de escolher os pintores da obra, que foi entregue a Gregório Lopes, seu genro, e a Jorge Leal.

A 13 de Dezembro de 1521 falecia D. Manuel e é já no reinado do seu sucessor que temos notícia da avaliação «do retábulo e tábuas» do altar do Salvador requerida ao pintor Jorge Afonso, «por serviço de el-Rei», numa carta de João do Porto, escrita em São Bento (provavelmente numa das freguesias do Alentejo com este nome) e datada de 18 de Maio de 1525. Nessa carta declarava João do Porto que a avaliação era necessária, pois ele não havia encontrado o registo de uma avaliação anterior no «livro da conta de Afonso Monteiro» «que el-Rei lhe mandara tomar» e «tinha dúvida nos pagamentos». No mesmo documento se ordenava a Jorge Afonso que levasse consigo ao mosteiro de São Francisco, a Antão Leitão, sacador de pintores. Os dois peritos calcularam o valor das tábuas do seguinte modo:

A tábua que está no meio que é da Piedade ... ... 20.000 rs.
Quatro Tábuas das ilhargas a 8000 rs cada uma ... ... 32.000 rs.

Em data que não podemos conjecturar deve a confraria de Nossa Senhora da Conceição instalada no mosteiro de S. Francisco ter ficado possuidora do retábulo e certamente já no século XVII os seus confrades resolveram desfazer-se das tábuas pintadas, pois o seu assunto não era o da Conceição oferecendo-as a quem lhes desse outras de bordo, do mesmo tamanho e em branco. O negócio interessou aos monges de São Bento da Saúde que tinham alguns altares sem pinturas e assim as conseguiram gastando pouco mais de cem cruzados. Deste modo os cinco paineis passaram ao património deste último mosteiro.

No Museu Nacional de Arte Antiga somente não se encontra a pintura central do retábulo que representava Cristo crucificado com Santa Maria Madalena e São João de um lado e Nossa Senhora e as Três Marias do outro.

BIBLIOGRAFIA

Sousa Viterbo, **Notícia de Alguns Pintores**, 1.ª Memória, págs. 11 e 12.
Reinaldo dos Santos in **Belas-Artes**, 2.ª série, 1961, n.ºs 16-17.
Vergílio Correia, **Pintores Portugueses dos Séculos XV e XVI.**
Adriano de Gusmão, **Mestres Desconhecidos do Museu Nacional de Arte Antiga.**
Frei Luís de Sousa, Anais de D. João III, Lisboa, 1951. Vol. I, pág. 199.

Irmãs do rei D. Manuel foram:

— A rainha D. LEONOR que casou com o Rei D. João II, nascida em 1458 e falecida a 17 de Novembro de 1525.

— A duquesa de Bragança D. ISABEL que casou com o duque D. Fernando II degolado em Évora em 1483. Nasceu no ano de 1459 e faleceu em Abril de 1521.

O Rei D. MANUEL nasceu em 1469 e faleceu a 13 de Dezembro de 1521. Casou pela segunda vez com a rainha D. Maria falecida a 7 de Março de 1517, de quem teve os filhos que a seguir se referem.

— O PRÍNCIPE D. JOÃO (futuro rei D. João III) nasceu a 6 de Junho de 1502. Logo que começou a andar nomeou seu pai para seu guarda, para «o acompanhar de dia e de noite sem nunca o perder de vista» a Gonçalo Figueira, fidalgo honrado. Antes de ter quatro anos de idade teve como mestre de leitura e religião «um sacerdote velho e sisudo», capelão do rei D. Manuel, chamado Álvaro Rodrigues que mais tarde foi capelão da Imperatriz D. Isabel. Para lhe dar «lição de escrever» mandou o rei seu pai vir ao paço «um pobre homem que por bom escrivão, tinha escola aberta na cidade», chamado Valentim Afonso. Passados anos, o mesmo rei tratou de escolher mestres de gramática e latinidade para o Príncipe. «Foram na gramática Diogo Ortiz de Vilhegas, famoso letrado e pregador, castelhano de nação e muito nobre, que viera a este reino acompanhando a princesa D. Isabel» com seu irmão Fernão Ortiz de Vilhegas, do qual descendem os Távoras Ortizes de Portugal. O outro mestre «foi o doutor Luis Teixeira, filho do doutor João Teixeira, chanceler-mor que fora do rei D. João II». «Era Luis Teixeira vindo de fresco de Itália com fama de homem eminente, tanto nas letras humanas» «como no direito civil, sobre o que escreveu doutamente». «Destes dois mestres ouviu o Príncipe vários livros de latinidade». «Do segundo chegou a tomar princípios da língua grega e ouvir parte da INSTITUTA, que é porta e entrada para o estudo do direito civil». Desejou o rei D. Manuel que o príncipe «soubesse» outras artes principalmente as matemáticas, pelo que lhe deu princípios delas Tomás de Torres, «médico e bom astrólogo» «assim dos movimentos dos planetas como da constituição do Mundo em terras e mares».

Já passava o Príncipe dos doze anos quando seu pai resolveu dar-lhe «casa e companhia de oficiais e ministros» recaindo a escolha em pessoas de grande «qualidade e partes». O camareiro-mor foi D. João de Meneses, «filho Terceiro do Conde de Cantanhede por sangue e partes pessoais de entendimento e valor um dos primeiros homens daquele tempo». Para mordomo-mor foi escolhido D. João da Silva, conde de Portalegre. Para guarda-mor, Luís da Silveira «a quem o príncipe, depois que veio a reinar, fez conde de Sortelha e para alferes-mor D. Luis de Meneses filho do Conde-Prior D. João de Meneses.

— A INFANTA D. ISABEL nascida a 24 de Outubro de 1503 que casou com o imperador Carlos V tendo seguido para Espanha em Janeiro de 1526.

— A INFANTA D. BEATRIZ nascida a 31 de Dezembro de 1504. Em Fevereiro de 1521 chegaram a Lisboa dois embaixadores do Duque de Saboia que com dois procuradores de D. Manuel ajustaram os termos do contrato de casamento da Infanta com o Duque. Os negociadores por parte de D. Manuel foram Álvaro da Costa, seu camareiro-mor e do seu Conselho e vedor da fazenda da rainha D. Leonor, que depois teve o título de Dom e o Dr. Diogo Pacheco, desembargador da Relação. A Duquesa partiu para Nice a 9 de Agosto de 1521.

— O INFANTE D. LUIS nascido em 3 de Março de 1506, sendo logo nomeado pelo rei D. Manuel para seu guarda-mor a Rui Teles de Meneses, 4.° senhor de Unhão.

Foram seus mestres o insigue matemático Dr. Pedro Nunes que lhe dedicou o seu TRATADO DA ESFERA e Luís de Cáceres natural de Silves donde veio por ordem do Infante, «homem douto que depois foi seu secretário».

— O INFANTE D. FERNANDO nascido em 1507 e falecido em 1537.

— O INFANTE D. AFONSO nasceu em Abril de 1509. Foi nomeado cardeal pelo Papa Leão X a 16 de Janeiro de 1516 tendo recebido o respectivo capelo neste mesmo ano trazido por Manuel de Noronha, depois bispo de Lamego.

— O INFANTE D. HENRIQUE nascido em 31 de Janeiro de 1512 e veio a ser cardeal e rei de Portugal.

— O INFANTE D. DUARTE nascido em 7 de Setembro de 1515 e falecido em 1540.

Casou terceira vez o rei D. Manuel com a infanta D. Leonor de Áustria, irmã do rei de Espanha D. Carlos, depois imperador Carlos V. O consórcio foi tratado com o maior sigilo por Álvaro da Costa camareiro de D. Manuel, o qual muito nele confiava, e que partiu para Espanha sob o pretexto de ir apresentar as boas-vindas do rei de Portugal a seu primo o rei de Castela. Álvaro da Costa consegue concluir as negociações em poucos meses e assim assinava o contrato do casamento em nome do rei D. Manuel lavrado em 22 de Maio de 1518. De nada sabia a corte de Lisboa do que se estava a passar e foi D. Manuel quem lho anunciou depois de ter convocado todas as pessoas que a compunham. Depois do rei falar todos os presentes lhe foram beijar a mão sendo o primeiro o Príncipe D. João e depois o Infante D. Afonso, cardeal, depois dele os Infantes D. Luis e D. Fernando e não se acharam presentes os infantes D. Henrique e D. Duarte pela sua pouca idade. Após os infantes beijarem a mão ao rei o duque de Bragança D. Jaime e os outros membros da corte pela ordem da sua precedência. Todos se mostraram satisfeitos pelas explicações dadas pelo

Rei com excepção do príncipe D. João «que nunca disso mostrou ter gosto ou contentamento».

«Assentado e confirmado» o contrato por ambas as partes, Álvaro da Costa como procurador de el-rei D. Manuel e com título de embaixador, recebeu a Rainha em seu nome, «por causa do qual casamento se fizeram por espaço de quinze dias muitas festas e jogos».

Partiu D. Leonor para Portugal em Novembro de 1518 e chegou à fronteira a 18 deste mês. Aí foi recebida pelo duque de Bragança D. Jaime que para o efeito apresentou ao duque de Alba uma procuração passada pelo rei D. Manuel. Ia D. Jaime acompanhado do arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa, do bispo do Porto D. Pedro da Costa e de muitos fidalgos, levando com estes mais de dois mil homens de cavalo, dos quais trezentos pertenciam ao duque. O encontro, com D. Manuel deu-se no Crato seguindo o casal para Almeirim «donde os infantes D. Luis, D. Fernando e D. Afonso, cardeal de Portugal, a foram receber a uma légua da vila».

Do terceiro casamento de D. Manuel houve os filhos a seguir discriminados.

— O INFANTE D. CARLOS, nascido a 18 de Fevereiro de 1520 e falecido 15 de Abril do ano seguinte.

— A INFANTA D. MARIA que nasceu a 8 de Junho de 1521 e «foi entregue ao cuidado de D. Elvira de Mendonça, camareira-mor da rainha D. Leonor, que já o havia sido da rainha D. Maria, com quem tinha vindo de Castela, e era mulher de D. Martim de Alarcão, capitão da guarda dos Reis Católicos».

*

Interessa agora referir que em Fevereiro de 1514 chegaram a Lisboa duas naus da Índia nas quais vinham um embaixador da Rainha Helena da Etiópia, chamado Mateus, acompanhado de um fidalgo abexim. O rei D. Manuel recebeu o embaixador que lhe entregou uma carta da rainha Helena, cinco medalhas de ouro e um lenho da Cruz de Cristo metido numa argola de prata, encerrados numa caixeta de ouro com sua fechadura e chave. Foi dando muitas graças a Deus e com lágrimas nos olhos que o rei D. Manuel, de joelhos, recebeu estes presentes «de um tão poderoso rei cristão».

*

O DUQUE DE BRAGANÇA D. JAIME era sobrinho do rei D. Manuel (por ser filho duma sua irmã) e primo da rainha Isabel, a Católica, por seu pai o duque D. Fernando ser primo coirmão da rainha D. Isabel, mulher do rei D. João II de Castela. Nasceu em 1479 morreu em 1532. Após a execução de seu pai foi levado para Castela e de lá voltou em 1496 sendo recebido com grandes honras pelo tio «como a parente mais chegado da Casa Real». Destes e outros favores «se mostrou sentido o senhor D. Jorge, duque de Coimbra, pretendendo «preceder ao Duque pela prerrogativa do seu nascimento como filho del-rei D. João II, pelo que nos actos e funções públicas alegava tocar-lhe a preferência do lugar e assento». A dúvida foi resolvida pelo Rei que concluiu ser D. Jaime o primeiro parente e o herdeiro presuntivo da Coroa. Assim, na cerimónia do juramento do Príncipe D. Miguel da Paz feita a 7 de Março de 1499, o duque de Bragança teve o primeiro lugar à direita do Rei e depois se seguiu o Senhor D. Jorge. No ano de 1500 casou D. Jaime com D. Leonor de Mendonça filha dos duques de Medina Sidónia que chegou a Portugal em 1502.

De D. Jaime e D. Leonor de Mendonça foram filhos:

— D. TEODÓSIO, futuro duque de Bragança, nascido em data desconhecida.

— D. ISABEL, cuja data de nascimento também se ignora e que viria a casar no ano de 1537 com o Infante D. Duarte.

Tendo nascido em 1502 o Príncipe D. João foi levado ao baptismo «nos braços do duque de Bragança D. Jaime, acompanhado, para madrinhas da rainha D. Leonor irmã de seu pai e mulher de el-rei D. João II e da Infanta D. Beatriz sua avó, mãe de el-rei seu pai».

Era D. Jaime «naturalmente preocupado de melancolia». Durará já alguns anos a sua união com D. Leonor de Mendonça quando «por sugestão diabólica» e por que «neste temperamento se introduz fácilmente o ciúme», «lhe tirou violentamente a vida a 2 de Novembro de 1512».

Em 1513 foi D. Jaime nomeado general da armada que foi conquistar a cidade de Azamor o que ele conseguiu da forma mais brilhante.

Tendo-se apaixonado por uma dama da Rainha D. Leonor casou-se o duque pela segunda vez no ano de 1520. Era esta a duquesa D. Joana de Mendonça «em quem concorriam excelentes partes, formosura, modéstia, entendimento» filha de Diogo de Mendonça alcaide-mor de Mourão, e de D. Brites Soares, filha de Fernão Soares de Albergaria, senhor do Prado. Faleceu no ano de 1580.

*

O DOUTOR PEDRO NUNES foi um cientista de relevo mundial no seu tempo, cosmógrafo, matemático e geómetra, publicou notabilíssimos livros sobre matemática, geometria, astronomia e arte de navegar, entre os quais o célebre «Tratado da Esfera» que dedicou ao seu discípulo o Infante D. Luis condiscípulo de D. João de Castro, o célebre vice-rei da Índia, nas lições do Mestre. A Pedro Nunes se deve a invenção do precioso instrumento de medições, o nónio.

Nasceu, segundo parece, em 1492, doutorou-se em medicina na Universidade de Lisboa e, depois, seguiu para Salamanca então o grande centro de estudo de Matemática, para se aperfeiçoar nesta ciência. O rei D. João III mandou-o regressar a Portugal em 1526, e nomeou-o cosmógrafo-mor do reino. Depois da passagem da Universidade para Coimbra, em 1537, foi nomeado lente de Matemática nesta universidade, cargo que exerceu durante muitos anos. Morreu em 1572. A reprodução do seu retrato em gravura em madeira, foi publicada no volume 2.° da revista «Panorama».

*

O BISPO DE VISEU D. DIOGO ORTIZ DE VILHEGAS veio para Portugal após «as dissenções políticas que desencadeou a morte do rei Henrique IV de Castela». «Como cosmógrafo, orador sagrado, teólogo, escritor, mestre de príncipes e conselheiro de reis é comparsa inconfundível em muitas das grandes cenas a que presidiram os vultos reais de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel.»: «Foi ele um dos membros da célebre JUNTA DOS MATEMÁTICOS que indeferiram a Colombo as propostas para a navegação do oeste; foi com ele que se elaborou «a carta itinerária de Pero da Covilhã». Por seus talentos ascende às mais altas dignidades eclesiásticas. Assim é nomeado capelão-mor do rei D. João II, bispo de Tânger (em 1491), bispo de Ceuta (em 1500) e bispo de Viseu (em 1505). Foi também deão da capela do príncipe D. João depois Rei D. João III e capelão-mor da Infanta D. Isabel, mais tarde imperatriz da Alemanha. Faleceu em 1519.

BIBLIOGRAFIA

D. António Caetano de Sousa, **História Genealógica da Casa Real Portuguesa**, Tomos III, III e IV.

Frei Luis de Sousa, **Anais de D. João III**, Vol. I.

Damião de Gois, **Crónica de El-Rei D. Manuel**, Parte II, p. 2 e Parte IV, p. 185 e 188.

Conde de Vimioso, **Vida do Infante D. Luis**, Lisboa, 1735, p. p. 69 e 141.

Alexandre de Lucena e Vale, **D. Diogo Ortiz de Vilhegas**, Gaia, 1934.

Esteves Pereira, **Dicionário Portugal.**

A OFICINA DO PINTOR JORGE AFONSO

Jorge Afonso era sogro do pintor Gregório Lopes o qual vivia com sua mulher nas «suas pousadas, nas casas do dito Jorge Afonso, situadas junto ao convento de S. Domingos em Lisboa. Nestas casas foi lavrada em 7 de Julho de 1514 uma escritura em que Gregório Lopes comprara o direito de emprazamento de umas casas contíguas às do sogro. Ora, foram testemunhas dessa escrita «Pero Vaz, Garcia Fernandes e Gaspar Vaz QUE LAVRAVAM EM CASA DO DITO Jorge Afonso».

O pintor Jorge Leal já em 28 de Maio do mesmo ano era das relações de Gregório Lopes pois nessa data, assina como testemunha juntamente com o pintor Miguel Nunes, uma escritura feita no mosteiro de S. Domingos de venda de uma casa àquele pintor.

BIBLIOGRAFIA

Sousa Viterbo, **Notícia de Alguns Pintores Portugueses**, 1.ª Memória, p. 104 e 107.

OBSERVAÇÕES, HIPÓTESES E DEDUÇÕES PARA A INTERPRETAÇÃO ICONOGRÁFICA

Os assuntos dos quatro painéis reproduzem cenas da vida de Cristo, o SALVADOR. Devemos pois estar em presença do retábulo da capela do Salvador do convento de São Francisco. A presença de figuras trajando à moda da época leva-nos a pensar que o assunto religioso foi representado por pessoas da vida real. Tudo se passaria como se os quadros reproduzissem cenas de teatro religioso em que os figurantes seriam pessoas da época. Devendo-se a iniciativa da sua feitura a D. Manuel, poderemos fàcilmente conjecturar estar este monarca a representar a figura de um rei mago no painel da Adoração. As outras figuras de pessoas da época poderão ser pois retratos de personagens da família real ou da corte, e, também, dos pintores que se sabe, em alguns casos, existirem entre as figuras de cenas religiosas. Procurando os retratos de todas as pessoas da família de D. Manuel, cerca de 1520, encontramo-las repartidas pelos quatro painéis, exceptuando os infantes D. Henrique e D. Duarte, os filhos mais novos.

Observemos e interpretemos, agora, cada uma das tábuas em particular.

PAINEL DA ADORAÇÃO DOS MAGOS

INTERPRETAÇÕES DEDUZIDAS

1 — REI D. MANUEL
2 — D. ÁLVARO DA COSTA
3 — D. JAIME, DUQUE DE BRAGANÇA
4 — PRÍNCIPE D. JOÃO (futuro D. João III).
5 — INFANTE CARDEAL D. AFONSO
6 — INFANTE D. FERNANDO
7 — FIDALGO ABEXIM
8 — MATEUS, EMBAIXADOR DA ETIÓPIA
9 — INFANTE D. CARLOS
10 — RAINHA D. LEONOR

PAINEL DA ADORAÇÃO DOS MAGOS

O rei D. Manuel que tinha então cerca de 50 anos deve estar na figura dos reis magos brancos tendo bastado aos pintores tirar-lhe cabelo e branqueado a barba para o fazer representar o rei idoso. Já o Dr. Júlio Dantas havia dado como provável a hipótese de a figura do rei ajoelhado no canto inferior à esquerda do painel ser a do Venturoso (1). Devemos procurar confirmá-la lembrando-nos que os olhos deste rei eram entre verdes e brancos, os cabelos castanhos, a pele alva e os braços carnudos e compridos, conforme referiu Damião de Gois. Ora todas estas características se verificam na figura do rei mago que, também, se assemelha flagrantemente à de D. Manuel nos paineis do Museu de S. Roque que representam a vida de S. Roque e a benção nupcial depois do seu terceiro matrimónio.

O Senhor Coimbra, funcionário do Museu Nacional de Arte Antiga descobriu a existência de riscos no dorso da mão desta figura. Examinados por mim, pareceu-me claramente constituirem o seguinte monograma:

onde poderemos ver bem evidentes um G e um F e uma haste vertical com um travessão na base L que será um I e um L. Sabendo nós que os principais pintores deste retábulo foram Gregório Lopes e Jorge Leal poderemos conjecturar que tiveram a auxiliá-los, na sua feitura, a outro, ou outros pintores com nome ou apelido começado por F e logo nos surgem os nomes de Garcia Fernandes e Luis Fernandes.

O rei veste-se com uma opa roçagante de brocado com aberturas nos ombros para darem passagem às mangas do saio fendidas nos pulsos. Adorna-se com um colar de oiro do qual pende sobre o ombro uma joia de oiro com um rubi central rodeado por doze pérolas e tem à cinta uma rica espada. Está de joelhos e com as mãos erguidas em adoração para o Menino. No chão, uma taça com as oferendas entre as quais se distinguem algumas moedas de oiro. Notemos, ainda, o facto de a figura de D. Manuel não corresponder ao tipo clássico do rei mais jovem (Gaspar), visto se apresentar com barbas e não imberbe como se costumava representar (1). Também, não deixemos de reparar que o tipo do rei Melchior é bem marcadamente europeu e não indefinido como o costumavam representar para simbolizar o mago de origem asiática (1). O rei negro (Baltasar), representante da África, tem características antropológicas que me parecem corresponder ao tipo abexim, afastando-se do guinéu, por exemplo. Assim, tanto nele como no fidalgo que o acompanha não se vê a cor chocolate-escura da maioria dos africanos nem a carapinha característica, lábios grandes, nariz grosso, etc.. Usa uma capa e veste-se com cabaia branca apertada com botões. Nas orelhas pendem-lhe brincos com quatro pérolas com um gesto da mão esquerda, volta-se para o criado como a pedir-lhe que lhe passe a delicada peça de ourivesaria que vai oferecer ao Menino. Está de cabeça descoberta ao passo que o fidalgo a cobre com um turbante. Se D. Manuel estiver na figura de rei-mago será de pensar que a da Virgem é o retrato da Rainha, que, em 1520, era D. Leonor. De facto parece-nos evidente a sua semelhança com o retrato desta rainha existente no Museu Nacional de Arte Antiga. A Virgem está sentada no chão e segura o Menino nu com as mãos cruzadas sobre o peito. Passemos, agora, à análise das figuras que assistem à Adoração, onde não se vêem pastores nem anjos. Continuamos pois a pensar que serão pessoas da família real ou da corte. Os jovens, deverão ser filhos de D. Manuel e, portanto, o mais velho deve ser o PRÍNCIPE D. JOÃO que tinha 18 anos em 1520. Veste-se com gibão ou saio aberto na linha média, usa cabelo comprido sobre as orelhas e cobre-se com uma gorra de volta. Notemos, em seguida, que os dois meninos situados atrás do rei Gaspar aparentam serem de idade nitidamente inferior à do príncipe D. João e aproximada entre ambos. Assim, poderemos deduzir que eles não correspondem ao retrato do Infante D. Luis, que tinha 14 anos em 1520. Deverá, pois, tratar-se dos infantes D. Fernando e D. Afonso que, em 1520, tinham respectivamente as idades de 13 e 11 anos. Como o infante D. AFONSO era cardeal, poderemos conjecturar que o seu retrato é o do menino que segura o chapéu coroado, porque ele também usava o capelo dessa dignidade. Ambos estão de cabeça descoberta e usam o cabelo em franja sobre a testa e cobrindo as orelhas. As suas feições são quase idênticas. No grupo de três personagens colocadas mais à retaguarda (uma das quais será o príncipe D. João), vê-se bem em evidência um homem de barbas e bigode, com traje idêntico ao do Príncipe. Deverá ser o duque de Bragança D. JAIME, sobrinho do rei D. Manuel, tanto mais que as características deste retrato são correspondentes à da gravura que representa o Duque (Figura 1). Quem seria a outra figura para quem o pretenso duque está voltado? Em primeiro lugar, notemos que este está na fila ocupada pelo príncipe e pelos infantes e,

(1) Dr. Júlio Dantas, in **Terra Portuguesa**, Ano 1.°, n.° 1.

(1) Louis Réau, Iconographie de l'Art Chrétien, Nouveau Testament, p.

portanto, tem categoria aproximada da deles, ao passo que o outro personagem está atrás dele e deve ser, pois, de categoria inferior à sua. Vejamos, ainda, que a assistência à Adoração é a guarda avançada de um cortejo de que fazem parte homens com bandeiras. Pensemos, então, que os pintores quiseram lembrar a viagem da rainha D. Leonor para Portugal, depois de pedida por Álvaro da Costa e acompanhada por um cortejo chefiado pelo duque D. Jaime que a foi receber à fronteira com muitos fidalgos. Fazendo a hipótese de termos nesta figura o retrato de D. ÁLVARO DA COSTA verificaremos ser muito semelhante, nas feições e corte de cabelo, com o retrato deste fidalgo no painel do Museu de S. Roque. Anotemos, por fim, que, correspondendo as figuras do rei Baltasar e do seu Anotemos, por fim, que, correspondendo as figuras do rei Baltasar e do seu criado a tipos abexins, poderemos pensar serem os retratos de MATEUS embaixador de 1514 acompanhado de um fidalgo abexim e trazendo de presentes cinco medalhas de ouro e um lenho da Cruz de Cristo encerrado numa caixeta de ouro. Poderemos, pois, conjecturar que neste painel se quiseram mostrar as ofertas da rainha da Abissínia a D. Manuel que tanto as apreciou. Então, a delicada peça de ourivesaria segura nas mãos do criado do rei Baltasar representaria a «caixeta de ouro onde veio encerrado o lenho da Cruz de Cristo. O criado, será, pois, o fidalgo abexim que acompanhou a Portugal o embaixador Mateus.

A Virgem com o Menino ao colo está sentada no chão, junto a uma janela, ladeada por duas colunas de mármore e no parapeito da qual se vê debruçado São José. A inclusão neste painel do pormenor arquitectónico das colunas explica-se pela leitura das MEDITAÇÕES, escritas pelo pseudo-Boaventura, um frade fransciscano italiano do século XIV chamado Giovanni de Caulibus. Nesse livro se refere que, quando surgiu o momento de dar à luz, a Virgem se levantou a meio da noite, e se apoiou numa coluna que aí havia (1).

Na encosta da montanha situada ao fundo descortinam-se as muralhas de Belém.

(1) Louis Reáu, ob. cit. p. 225.

A VISITAÇÃO

1 — D. JOANA DE MENDONÇA, duquesa de Bragança, mulher do duque D. Jaime.
2 — D. ISABEL, duquesa de Bragança viúva do duque D. Fernando II e irmão do rei D. Manuel. Falecida em Abril de 1521.
3 — RAINHA D. LEONOR, viúva de D. João II e irmã do rei D. Manuel. Fundadora das Misericórdias. Falecida em Novembro de 1525.
4 — RAINHA D. LEONOR, mulher de D. Manuel.
5 — D. ISABEL, duquesa. Viúva de Bragança, na figura de Santa Isabel.
6 — D. TEODÓSIO, filho do duque D. Jaime e futuro duque de Bragança.
7 — D. ISABEL, filha do duque D. Jaime e futura mulher do infante D. Duarte

PAINEL DA VISITAÇÃO

O evangelho de S. Lucas refere que Maria, depois do anjo S. Gabriel lhe ter anunciado que iria dar à luz um filho atravessou sózinha a montanha e se dirigiu a casa de Zacarias, para visitar a Sua idosa prima Isabel. Ora, neste painel além das duas Santas Primas e de S. Zacarias aparecem mais personagens. A presença das três mulheres que estão atrás da Virgem foi justificada pelo padre Dr. Costa Lima (1) pois representam (segundo) as legendas latinas dos nimbos) a honestidade, a pobreza e a humildade, virtudes que acompanharam a Mãe de Deus nesta viagem feita «sem companhia de homens, sem cavalgada, sem corte de donzelas, segundo narra o evangelho apócrifo do pseudo-Boaventura. Porém, não poderemos explicar a presença dos dois jovens que estão ao lado de S. Zacarias senão pela necessidade de os pintores incluirem neste painel mais elementos da família real. Partindo desta hipótese, logo pensaremos que a figura de Santa Isabel deve estar representada pela DUQUESA DE BRAGANÇA D. ISABEL, viúva do duque D. Fernando II, mãe do duque D. Jaime e irmã do rei D. Manuel, que faleceu em Abril de 1521, na idade de 62 anos. Imediatamente, verificaremos ser o seu retrato que personifica a virtude da pobreza (fig. 2). A presença de D. Isabel nesta tábua leva-nos a deduzir que ela foi começada a pintar antes da data do falecimento da duquesa. Agora, poderemos ver que o pintor escolheu duas primas (a rainha D. Leonor e a duquesa D. Isabel) para representarem a Virgem Maria e sua prima santa Isabel. A senhora que personifica a virtude da humildade (fig. 3), situada ao lado de D. Isabel, só poderá ser a RAINHA D. LEONOR, viúva de D. João II. Confirmaremos esta identificação pela comparação com os retratos desta rainha no retábulo de Santa Auta (em que está com as mãos postas em oração como aqui), no painel do Panorama de Jerusalém, e no existente na Misericórdia de Coimbra. A jovem e formosa senhora que representa a virtude da castidade (conforme se lê no respectivo nimbo (fig. 1) e não a honestidade, conforme escreveu o pseudo-Boaventura, segundo observou o Dr. Costa Lima, é, por certo, a DUQUESA DE BRAGANÇA D. JOANA DE MENDONÇA, que casou com o duque D. Jaime em 1520. Então, este painel foi começado a pintar durante ou depois desse ano. Os dois jovens que se encontram à porta da casa ao lado de S. Zacarias, só podem ser os dois filhos do primeiro casamento do duque de Bragança D. Jaime, ou sejam D. TEODÓSIO (fig. 6) e D. ISABEL (fig. 7). As idades que aparentam estão bem dentro do período decorrido entre o casamento de seus pais, em 1500, e o ano de 1520. A figura de S. Zacarias, talvez tenha sido interpretada pelo duque D. Jaime.

(1) J. da Costa Lima, Fontes Místicas dos Pintores Quinhentistas, in Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga, Vol. I, n.º 3, de 1948, p. 139

Notemos, por fim, que o pintor imaginou a casa de Zacarias como um palácio e fez acompanhar a Virgem de um grupo de três anjos que sobrevoam a montanha que Ela tinha atravessado. Santa Isabel recebe, ajoelhada, o terno amplexo de sua Santíssima Prima, conforme o narrado pelo pseudo-Boaventura.

PAINEL DA APRESENTAÇÃO NO TEMPLO

INTERPRETAÇÕES DEDUZIDAS

1 — Jorge Leal.
2 — Gregório Lopes.
3 — Pero Vaz (?)
4 — Gaspar Vaz (?)
5 — Garcia Fernandes.
6 — Jorge Leal, na figura do Velho Semião.
7 — O Infante D. Carlos figurando o Menino Jesus.
8 — Duquesa de Coimbra D. Brites de Vilhena.
9 — A Rainha D. Leonor, no papel da Virgem Maria.
10 — Infante D. Luis
11 — Infanta D. Beatriz
12 — Infanta D. Isabel
13 — S. José.

PAINEL DA APRESENTAÇÃO NO TEMPLO

Sabendo-se que o retábulo do Salvador era constituído por um painel central ladeado pelos quatro paineis «das ilhargas» poderemos conjecturar que na APRESENTAÇÃO encontraremos mais membros da família de D. Manuel. Seguindo esta hipótese, identificamos as duas senhoras que estão atrás da Virgem como sendo as infantas D. ISABEL (a mais anterior) e D. BEATRIZ; e o jovem que está junto delas como o infante D. LUIS, que em 1520 tinha 14 anos de idade.

O Menino Jesus apresenta os mesmos traços fisionómicos da figura do Menino no painel da ADORAÇÃO e pode ser o retrato do infante D. CARLOS.

No lado direito do painel vê-se uma fila de cinco personagens, certamente para corresponder à fila de pessoas que se vê no painel da Adoração. A segunda personagem da fila olha de través para o observador e poderá pois ser um autoretrato do pintor executado por intermédio de um espelho. Assim, teremos aqui o retrato de Gregório Lopes. Nesta ordem de ideias os outros personagens seriam pintores que colaborariam no retábulo. O personagem do primeiro plano seria o pintor Jorge Leal, parceiro de Gregório Lopes na execução deste retábulo do Salvador. Os três restantes pintores, os dois primeiros são muito parecidos e é de pensar que fossem irmãos. Seriam eles Pero Vaz e Gaspar Vaz? O último poderia muito bem ser o pintor Garcia Fernandes. Deste modo teríamos aqui pintores da oficina de Jorge Afonso.

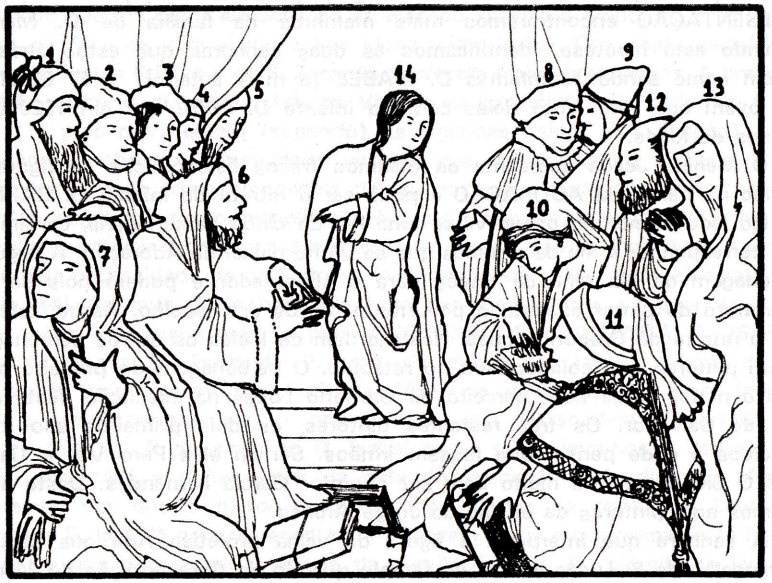
A senhora que interpreta a figura da velha profetisa Ana que segundo o Evangelho de S. Lucas estava no templo quando da Apresentação do Menino, é, inconfundivelmente, a duquesa de Coimbra D. BRITES DE VILHENA (Vide Caderno II desta colecção). A figura que representa S. José, as duas infantas e D. Brites empunham velas acesas devido à antiga tradição da procissão das velas que ainda hoje se faz pelo dia da Circuncisão (festa de Nossa Senhora das Candeias). S. José oferece as duas rolas que os pobres tinham de dar para resgatar a Deus o seu primeiro filho varão. O velho Simeão, mitrado embora não fosse sacerdote (o que se vê em muitas pinturas) segura o Menino nos braços mas as suas mãos não o tocam, em sinal de respeito, isoladas por um pano. Notemos a extraordinária semelhança do velho Simeão com o pintor Jorge Leal que está atrás dele. Assim admitiremos que este pintor serviu de modelo a Gregório Lopes para a interpretação da figura bíblica.

Neste painel notaremos mais dois pormenores importantes.

O da representação de um altar da época constituido por uma mesa assente em qautro poiais (vide caderno n.° 2 desta Série) e coberto com duas toalhas, e a magnífica peça de ourivesaria que é o lampadário cujo estilo é flagrantemente parecido com o do turíbulo do século XVI existente (?) na igreja de Pombeiro (1).

(1) Esteves Pereira, **Dicionário Portugal**, Vol VII, p. 143.

O MENINO JESUS ENTRE OS DOUTORES



INTERPRETAÇÕES DEDUZIDAS

1 — D. JOÃO DE CASTRO, futuro vice-rei da Índia.
2 — D. JOÃO DA SILVA, CONDE DE PORTALEGRE, mordomo-mor do príncipe D. João.
3 — PRÍNCIPE D. JOÃO (futuro rei D. João III).
4 — D. JOÃO DE MENESES, 3.° filho do Conde de Cantanhede, camareiro-mor do príncipe D. João.
5 — LUIS DA SILVEIRA, guarda-mor do príncipe D. João e futuro conde de Sortelha.
6 — D. DIOGO ORTIZ DE VILHEGAS, bispo de Viseu.
7 — PINTOR GREGÓRIO LOPES
8 — DOUTOR LUIS TEIXEIRA
9 — LUIS DE CACERES
10 — MARTIM AFONSO
11 — DOUTOR PEDRO NUNES
12 — PADRE ÁLVARO RODRIGUES, na figura de S. José
13 — RAINHA D. LEONOR, na figura da Virgem Maria.
14 — INFANTE D. LUIS, na figura do Menino Jesus.

O PAINEL DE O MENINO JESUS ENTRE OS DOUTORES

Sabendo-se que haviam sido chamados ao Paço vários letrados para professores do Príncipe D. João e do Infante D. Luis, surge naturalmente a hipótese de que pelo menos alguns deles estejam retratados neste painel, assim como os referidos filhos de D. Manuel.

Logo verificamos que a figura (3) é o retrato do Príncipe D. João, o que confirmamos pela comparação com o seu retrato no painel da Adoração dos Magos.

Sabendo-se também pelo Evangelho que o Menino Jesus, a quando da sua discussão com os doutores do Templo tinha 12 anos de idade, deduzimos que a sua figura está a ser representada pelo Infante D. Luis, que tinha então idade não superior a 14 anos escassos, hipótese que confirmamos pela comparação com o seu retrato no Painel da Apresentação no Templo.

O pintor, para chamar a atenção do observador que a figura do Menino Jesus é uma pessoa da vida real, pô-lo na posição erecta em vez de sentado, como narra o Evangelho.

O PAINEL DE O MENINO JESUS ENTRE OS DOUTORES

Os personagens que ladeiam o príncipe, D. João deverão ser os fidalgos da sua casa. Como estão encostados a uma cortina, poderemos pensar que já nesse tempo, os servidores do príncipe eram designados por «sumilheres de cortina» tais como os que a rainha D. Catarina nomeou para servirem o príncipe D. Sebastião. O homem com carapuça (fig. 2), encostado à direita do príncipe, deve ser o fidalgo da sua casa de maior categoria. Assim, será o CONDE DE PORTALEGRE, D. JOÃO DA SILVA, seu mordomo-mor. O que está à sua esquerda, (fig. 4), um jovem, deve ser D. JOÃO DE MENESES, 3.° filho do Conde de Cantanhede, que era seu camareiro-mor. Então, o personagem que parece espreitar por detrás da cortina, como vigiando (fig. 5) deve ser o guarda-mor do príncipe, ou seja LUIS DA SILVEIRA, que veio a ser conde de Sortelha. Procuremos, agora entre as figuras restantes os mestres do príncipe D. João e do infante D. Luis. As figuras 8 e 11, envergam traje que deve ter sido dos doutores com uma capinha equivalente ao actual capelo dos lentes. Pela comparação com a gravura, retrato do DR. PEDRO NUNES, concluiremos ser este o personagem marcado com o número 11. As vestes que enverga devem ter sido as dos doutores em medicina pela universidade de Lisboa, cerca de 1520.

Não deixamos de notar para confirmação da identificação o pormenor de a figura de Pedro Nunes apresentar uma fronte fugidia, tal como na gravura do seu retrato. Agora, deduzimos que a fig. 8 deverá ser o DOUTOR LUIS TEIXEIRA, mestre do príncipe D. João. As vestes que enverga devem ser a de uma universidade italiana desse tempo. O personagem (fig. 10) que segue

com o dedo indicador as letras de um livro, deve ser MARTIM AFONSO, mestre de escrever do príncipe D. João. Tendo o autor do presente trabalho já identificado o retrato do bispo de Viseu, D. DIOGO ORTIZ DE VILHEGAS na figura do rei ajoelhado no painel, da Adoração dos Magos de Viseu, fácil foi encontrar o seu retrato na figura 6, sentada aos pés do príncipe D. João, de quem foi mestre. Tendo este bispo falecido em 1519 é de deduzir que o painel que estamos analizando tenha sido começado a pintar nesse ano, não se excluindo a hipótese de termos aqui um retrato póstumo. Sabendo-se que o mestre de gramática do príncipe D. João, «um sacerdote velho e sisudo», chamado ÁLVARO RODRIGUES só pode estar na figura de S. José marcada com o número 12. Então, por exclusão de partes, a figura 9 terá que ser LUIS DE CACERES, mestre do infante D. Luis. A figura 7 colocada no primeiro plano, mas encostada ao bordo lateral do painel e olhando de lado e voltando-se para o painel central do políptico deve ser um dos pintores provavelmente GREGÓRIO LOPES, por comparação com o seu retrato no painel da Adoração dos Magos. A sua posição e atitude indicam que esta figura estava voltada no conjunto do poliptico para o grande painel central que, como já sabemos representava a Piedade, possivelmente as cruzes do Calvário com a Virgem, no primeiro plano, chorando sobre o corpo do seu divino Filho, tal como vemos no painel de «Cristo descido da Cruz» atribuido por Reis Santos a Garcia Fernandes (1). Vem a propósito revelar que o exame deste último painel leva à dedução de ele ser da autoria de Cristóvão de Utrecht (Xpovam de Vtreque). Se repararmos nos cravos que estão sobre um pano, junto à mão esquerda do Cristo.

e os voltaremos para o lado direito, logo veremos as letras X V sendo esta última constituída pelo cravo maior e pela linha bordada no pano. Resta identificar a personagem (1). Como o doutor Pedro Nunes olha na sua direcção. será de presumir que se trata do seu discípulo D. JOÃO DE CASTRO. Se compararmos a figura com o retrato do célebre vice-rei da Índia existente no Museu Militar de Lisboa (2) convencer-nos-emos de que a hipótese está certa.

Neste painel temos, portanto representados o príncipe D. João e o infante D. Luis, os seus mestres e os sumilheres de cortina do príncipe. Não nos passe despercebido para a história da medicina portuguesa, o facto de Martim Afonso (fig. 10) usar óculos.

Notemos, por fim a existência de um livro aberto aos pés do bispo de Viseu e de outro fechado, nas mãos do doutor Pedro Nunes. Os livros eram atributos dos doutores e, portanto, teriam que aparecer no painel.

(1) Luis Reis Santos. Garcia Fernandes, Colecção Artis, est. n.° 18.
(2) História de Portugal, Barcelos, Vol. IV, p. 72.

RECONSTITUIÇÃO DA VIDA DO POLÍPTICO

Com o dinheiro proveniente da venda de alfaias que haviam pertencido à confraria do Salvador instalada no convento de S. Francisco da cidade de Lisboa e já extinta em 1517 deu início o rei D. Manuel, em 1519, à construção de um retábulo. Encarregaram-se das respectivas pinturas Gregório Lopes e Jorge Leal que teriam sido ajudados por mais três pintores, talvez Garcia Fernandes, Pero Vaz e Gaspar Vaz. O retábulo estava pintado em 1524 e constituia um poliptico de cinco tábuas, uma grande no meio e ao alto e duas em cada ilharga. Pelo documento descoberto pelo Dr. Reinaldo dos Santos sabemos que a tábua central tinha o Cristo morto, ao pé da cruz, a Madalena e S. João, de um lado e a Virgem e as Marias do outro.

Pela análise dos quatro paineis restantes vemos que a VISITAÇÃO e a ADORAÇÃO DOS MAGOS estavam colocados do lado direito do políptico, de cima para baixo, e que a APRESENTAÇÃO NO TEMPLO e o MENINO JESUS ENTRE OS DOUTORES do lado esquerdo, também de cima para baixo, pois este tem uma parede no bordo externo. Podemos agora reconstituir a posição dos paineis no políptico, que afinal nos dá cenas da vida do Salvador pela sua ordem cronológica, indo-se de cima para baixo e da esquerda do observador para a sua direita. Teremos então a VISITAÇÃO e a ADORAÇÃO do lado direito do políptico e a APRESENTAÇÃO NO TEMPLO e o MENINO ENTRE OS DOUTORES, do lado esquerdo.

ESQUEMA DO POLÍPTICO RECONSTITUIDO

Para modelos de tantas figuras foram tomadas quase todas as pessoas da família real e algumas da corte.

Na mesma capela do convento de S. Francisco onde existira a confraria do Salvador instalou-se a confraria da Conceição. Em dada altura, os seus confrades verificaram que o retábulo que possuiam não era do tema da Conceição e, por isso, resolveram oferecer as suas pinturas em troca de paineis de bordo (carvalho) do mesmo tamanho e em branco isto é, não pintados. O negócio foi aceite pelos monges do convento de S. Bento da Saúde (onde hoje está instalada a Assembleia da República) que, assim, conseguiram pinturas para os seus retábulos por pouco mais de cem cruzados. O políptico foi desmanchado sendo colocados no altar-mor da igreja do convento o painel maior (a Piedade), ladeado dos paineis da VISITAÇÃO e da APRESENTAÇÃO NO TEMPLO e cada um dos dois restantes, em seu altar do cruzeiro. Assim os encontrou o conde de Raczinsk. Com a extinção das ordens religiosas os paineis foram arrolados e recolhidos. Passaram ao Museu Nacional de Arte Antiga onde hoje se podem admirar os quatro descritos neste trabalho, ignorando-se o destino da grande tábua central que facilmente poderá ser procurada, visto que se conhece perfeitamente a sua composição.

Fig. 1 — Bispo de Viseu D. Diogo Ortiz de Vilhegas no painel de o Menino entre os Doutores.

Fig. 2 — O mesmo bispo na figura de um Rei Mago no painel da Adoração dos Magos, da Catedral de Viseu.